

COM ROLAND BARTHES: A FIDELIDADE DE UM INFIEL

Rodrigo FONTANARI*

PERRONE-MOISÉS, L. **Com Roland Barthes**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Em *Com Roland Barthes*, Leyla Perrone-Moisés revive suas memórias afetivas e intelectuais. Sabe-se que a autora cultivou fortes laços de amizade com Roland Barthes que se estreitaram no final dos anos 1960, quando ela foi a Paris para desenvolver sua pesquisa de doutoramento sobre Lautréamont, poeta uruguaio radicado na França. Nessa recente publicação, cuidadosamente preparada da editora WMF Martins Fontes, Leyla Perrone resgata alguns textos que dedicou a um dos mais importantes pensadores do século XX francês. Na verdade, a ensaísta e professora emérita da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo parece pretender, por meio desse trabalho, restituir uma presença, uma voz, uma escrita, e tornar o que seria um conjunto de correspondências de caráter pessoal em um monumento – uma relíquia que atesta ao público brasileiro os instantes preciosos de contato com o seu mestre francês.

Dividido cronologicamente em três partes – “Descoberta e encontro”; “Passando o anel” e “Depois de Barthes” –, esse livro tenta dar conta de um arco temporal que revela os rastros deixados pela passagem de Barthes na vida intelectual da autora. Trata-se, de fato, muito mais de uma compilação dos artigos, prefácios às traduções, entrevistas publicadas durante quarenta anos, resultados da amizade, do convívio e, sobretudo, dos esforços da tradutora em acompanhar as mutações e os desenvolvimentos do pensamento do crítico francês, do que um trabalho de fôlego a respeito da obra barthesiana.

Esse livro, muito provavelmente, não surpreenderá nem o meio acadêmico, nem mesmo os leitores brasileiros mais desavisados de Barthes que, desde sempre, chegaram a ele por meio do empenho de tradução e recepção de Leyla Perrone-Moisés.

* PUC – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP – Brasil. 05015-901. rodrigo-fontanari@hotmail.com

Como fica sabendo o leitor, esse livro se ratifica, no momento em que a autora se autointitula “[...] depositária da memória, da vida de Barthes” (p. 124) em seu artigo “Relembrando Barthes, sem autópsias acadêmicas”, texto publicado originalmente no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, em 31 de maio de 1980. Escreve ainda, nesse mesmo texto, a esse respeito,

Meu testemunho constituirá daquelas lembranças que quero partilhar com os que conheciam e admiravam, quer pelo contato com sua pessoa, quer pela convivência, afinal mais importante, do leitor com o escritor. O meu foi um contato de crítica, de tradutora e de ouvinte. (p. 124)

A crítica e tradutora vale-se, nessa obra, das trocas de cartas – um conjunto de dezessete cartas – em sua maioria breves e quase sempre escritas de próprio punho que ela recebeu do mestre. Essas cartas cobrem um lapso de tempo que vai de dezembro 1968 a junho 1979, alguns meses antes do fatídico acidente sofrido pelo pensador francês, na Rue des Écoles, em fevereiro de 1980. Barthes acaba por ser atropelado ao sair do Collège de France onde havia ido controlar o tempo de projeção das fotografias do que viria a ser seu último seminário, intitulado “Proust e a fotografia – um exame de fundo de arquivo fotográfico pouco conhecido”. As notas desse seminário se encontram todas reunidas em *A preparação do romance*, que correspondem aos dois últimos anos de seu curso no Collège de France entre 1978-1979 e 1979-1980.

O conteúdo da maioria dessas cartas tampouco causará alguma surpresa, pela razão de que elas vão ao encontro de algo com que os leitores de Barthes já estão bem habituados: primeiramente, pelo caráter íntimo de seus escritos. Isso pode ser constatado desde 1987, com a publicação francesa de *Incidentes* e, tardiamente, em 2004, com a tradução brasileira a cargo de Mário Laranjeira. Esse livro consiste num conjunto de fragmentos de textos que se referem, primeiramente, a um período mais longo, que vai de 1968 a 1969, em que Barthes viveu no Marrocos, e outro, mais curto, entre 24 de agosto e 17 de setembro de 1979, em Paris, às vésperas de sua morte. Ou ainda, *Diário de luto*, publicado em língua francesa em 2009 e traduzido pela própria Leyla em 2011. Esse diário é consagrado a dois anos da vida de Barthes, entre 26 de outubro de 1977 e 21 de junho de 1979, e consiste em notações quase diárias, em torno da morte da mãe, Henriette Binger, que falecera em 25 de outubro de 1977, cuja perda Barthes não suportava. E em segundo lugar, pelo fato de que muitas delas sublinham ainda aquilo que os críticos e os leitores de Barthes também já têm conhecimento: sua crescente fadiga dos cursos, das conferências, bem como dos artigos e dos textos em geral que lhe eram solicitados; some-se a isso a doença da mãe que o preocupava bastante e exigia sua atenção.

Como podemos notar na correspondência de 10 de setembro 1977, quando Barthes noticia: “Continuo preocupado com a saúde de minha mãe; ela não vai mal,

mas [seu estado] é precário, e eu me tornei largamente indisponível, guardando o pouco tempo que tenho agora para a preparação do Curso” (p. 113) E, por isso mesmo, ele se diz “com pressa (sempre)” (p. 115), como nos faz saber Barthes, concluindo a carta datada de 5 maio de 1978. De certa maneira, tudo isso já está anunciada em uma outra correspondência, um pouco anterior, datada de 28 de fevereiro de 1971, em que Barthes confessa a Leyla: “Há 5 meses não paro de preparar cursos, conferências e pequenos artigos, e estou deprimido por não trabalhar a fundo para mim mesmo [...]” (p. 55).

Analisando mais de perto a trama textual que se forma desse conjunto de cartas enviadas por Barthes, em sua maioria em resposta à autora, o que toca profundamente os olhos e atrai sensivelmente os leitores para junto do escritor é a sua generosa afetividade com a qual ele soube acolher a brasileira que lhe escreve em 1974, “Você sabe que ali [seminário] estará sempre em casa [...]” (p. 117).

A generosidade afetiva pode ser ainda notada de perto em algumas outras cartas, a exemplo da de 9 de abril de 1969, em que vemos expresso “Toda minha gratidão por não ter me esquecido [...]” (p. 45). Ou ainda, em uma outra, de 24 de maio de 1979, em que ele escreve “Agradeço-lhe, cara Leyla, por sua confiança [...] / Expresso-lhe minha viva e fiel afeição” (p. 117).

É inegável e meritório o empenho dessa professora e crítica literária brasileira em fazer difundir as reflexões barthesianas. Isso não é de hoje. Tão logo toma conhecimento e estabelece o primeiro contato com Barthes, em meados de 1968, Leyla Perrone se põe então a traduzir para o português alguns dos seus livros, como *Crítica e verdade*, *Ensaios críticos* e, algum tempo mais tarde, *Roland Barthes por Roland Barthes* e *Aula*. Atualmente, coordena, junto à editora WMF Martins Fontes, a “Coleção Roland Barthes”, tendo ela mesma traduzido vários dos outros volumes da monumental obra barthesiana.

Não visando dar conta propriamente de interpretar em profundidade o pensamento barthesiano, esse trabalho acaba por cumprir o papel de testemunho intelectual e afetivo. Indo assim na contramão das mais recentes publicações, tanto no meio editorial brasileiro quanto no francês. Referimo-nos, aqui, aos trabalhos tanto de uma outra crítica literária brasileira, Leda Tenório da Motta, que publicou, em novembro de 2011, o volume intitulado *Roland Barthes – uma biografia intelectual*, quanto aquele outro belo livro biográfico de Marie Gil, cujo título é *Roland Barthes – au lieu de la vie* [Roland Barthes – ao invés da vida] publicado em 2012, pela editora Flammarion, um dos mais importantes grupos editoriais da França.

Ora, se Barthes se revelou ao mundo intelectual francês e brasileiro definindo-se como “sujeito incerto” ou, pelos olhos dos seus críticos, “o infiel”, tal como estes últimos costumavam defini-lo para sinalizar os seus vertiginosos deslocamentos teóricos, mas que, como se sabe, é próprio de um pensamento que se encontrava

ainda em pleno movimento de avanço e construção, paradoxalmente, a palavra mais recorrente nessas cartas e que define de certa maneira a relação de Leyla com Barthes é: “fiel”. Isso se pode notar, por exemplo, naquela correspondência já mencionada, de 9 de abril de 1969, que se conclui desta forma: “Por minha vez, expresso-lhe meu sentimento amigo e muito fiel [...]” (p. 45), ou mais notadamente na de 24 de maio de 1979 em que ele agradece e expressa a Leyla sua “viva e fiel afeição” (p. 117).

Tudo isso leva-nos a concluir que se Barthes sempre foi fiel a alguma coisa, esse algo é a afetividade, pois mesmo as coisas que possam parecer mais solitárias – escritura, a preparação das aulas – deveriam pertencer também ao mesmo ciclo afetivo em que ele inseria as pessoas próximas. Não nos causa, portanto, nenhuma estranheza quando Barthes soube generosamente e com uma certa compaixão se referir ao trabalho da autora por meio da expressão “trabalho em comum”, como nos testemunha a própria nas primeiras páginas de seu livro. Isso confirma que esse trabalho está impregnado de afetividade, como podem constatar os leitores de *Com Roland Barthes*, nas palavras de Leyla Perrone: “Mais do que um tributo de admiração, este longo trabalho com Roland Barthes tenta devolver-lhe aquilo com que ele me presenteou em sua penúltima carta ‘minha viva e fiel afeição’” (p. 13).

Recebido em 30/10/2012

Aceito para publicação em 10/06/2013

